



ERVAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DE MISSÃO INDÍGENA, TI GUARITA, RIO GRANDE DO SUL¹

Medicinal Herbs in the community of Indigenous Mission Ti Guarita, Rio Grande do Sul

Tamara Mineiro²

Resumo

Na minha pesquisa mostro a importância das ervas medicinais para as famílias kaingang na comunidade do Setor Missão Indígena, como algumas ervas são usadas e quando. Esta pesquisa foi baseada em entrevistas com alguns moradores mais antigos. Segundo eles, o mais importante na utilização de plantas medicinais é saber identificar as plantas, e a melhor maneira de fazer isso é ver a planta no seu estado natural, pois cada espécie de erva tem os seus espíritos. Também é importante na coleta das ervas usar muito os sentidos como: a visão, olfato, tato e o paladar, pois cada espécie de erva é diferente. As diferentes ervas são encontradas em matas pequenas no quintal das casas, nas roça nas beiras dos rios, e algumas espécies são mais raras e encontradas na mata, como por exemplo a erva cruzeiro. Apesar do uso de ervas medicinais não acontecer em todas as famílias, ainda existem ervas importantes no Setor Missão. É importante voltar a dar valor ao conhecimento kaingang sobre as ervas medicinais, pois isso sempre fez parte da cultura.

Palavras-chave: Ervas Medicinais. Famílias Kaingang.

Abstract

In my research I demonstrate the importance of medicinal herbs for the Kaingang families in the community of Setor Missão Indígena, how some herbs are used and when. This research was based on interviews with some older dwellers. According to them, the most important in the use of medicinal plants is to know to identify the plants, and the best way to do this is to see the plant in its natural state, because each species of herbs has its spirits. It is also important to collect herbs to use as much sense: sight, smell, touch and taste, because every kind of herbs is different. Different herbs are found in small bushes in the backyard of the houses, in the fields, on the borders of the rivers, and some species are rare and found in the

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Graduanda no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: tamaramineiro047@gmail.com.

woods, such as cruise grass. Despite the use of medicinal herbs don't happen in all families, there are still important herbs in Setor Missão. It is important to go back to value kaingang knowledge of medicinal herbs, as this has always been part of culture.

Keywords: Medicinal Herbs. Kaingang families.

Considerações Iniciais

Sou Tamara Mineiro, tenho 26 anos e nasci no dia 13 de fevereiro de 1988. Tenho duas filhas: a Tailana M. Wisch, de 5 anos, e Dhafyne Amanda M. Benites de Carvalho, de 3 anos. Sempre morei na aldeia Missão Indígena, desde quando nasci. Tive a oportunidade de fazer o vestibular e ter a chance de ser aprovada, então cheguei até aqui para estudar na Universidade Federal de Santa Catarina, e agora estou na fase final de conclusão da faculdade.

Para o meu TCC escolhi o tema “Ervas Medicinais”. As ervas medicinais ainda são usadas por algumas famílias que acreditam no poder dos espíritos das ervas na aldeia Missão Indígena, na Terra Indígena (TI) da Guarita, Rio Grande do Sul. Esse tema me incentivou porque as ervas são muito importantes na vida dos nossos antepassados. Ainda hoje algumas famílias seguem o caminho dos nossos antepassados dando valor às ervas medicinais e usando-as nos momentos que precisam, nas horas em que estão doentes. Pois na minha família ainda dão valor as ervas além de usarem os remédios de posto de saúde e farmácias.

Esse trabalho tem a intenção de trazer uma breve reflexão sobre a cultura e o ambiente na aldeia Missão Indígena, ou Setor Missão Indígena, que fica na Terra Indígena Guarita, Rio Grande do Sul Município de Redentora. A pesquisa também tem como objetivo refletir sobre os meios específicos da saúde das famílias na medicina através dos conhecimentos milenares, passados de pais para filhos. Então, desta forma, propõe-se a conhecer alguns tipos de ervas medicinais que ainda são usadas na comunidade, porque na aldeia há famílias que ainda dão valor e preservam essas ervas medicinais, principalmente os nossos velhos que ainda vivem.

Os primeiros europeus que no Brasil chegaram, logo depararam-se com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas inúmeras tribos que aqui viviam³. Por

³ LORENZI Harri, MATOS F.J. Abreu. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002.

intermédio dos pajés, o conhecimento das ervas locais e seus usos eram transmitidos e aprimorados de geração em geração.

São inúmeras ervas medicinais que existem no mato, na capoeira e no campo, e no quintal das famílias Kaingang. As ervas são muito importantes, mas algumas delas foram se perdendo com o desmatamento e não são encontradas nas pequenas matas.

Proteger a vida não é somente uma premissa ética, mas uma necessidade essencial do ser humano. O homem depende da diversidade de animais, plantas e microrganismos para a produção de alimentos e medicamentos e para seu prazer estético. Essa diversidade é fundamental, também, para a estabilidade climática e ambiental do planeta. O Brasil é reconhecidamente o país detentor dos maiores níveis de biodiversidade do mundo, o que oferece uma vantagem competitiva inigualável ao seu desenvolvimento econômico. No entanto, o uso adequado dessa riqueza pressupõe a sua conservação para esta e para as futuras gerações.⁴

As ervas medicinais são uma fonte de vida para nossos anciãos e também para os jovens, mas eles além de saber isso preferem os remédios de farmácias e postos de saúde, pois ter saúde para nós Kaingang e estar bem de saúde sem contaminação nas nossas plantas e águas porque o que é doença para nossos anciãos é essa alimentação moderna e águas contaminadas e também as plantas e por isso devemos tentar mostrar e incentivar as famílias sobre essas ervas que estão sendo esquecidas.

TU VEME SI

Inh venhrá tág ki sy venkágta há tó ve, eg ty kanhgág my eg émõ ty Missão ki, eg herenky venkágta hán mu kar hére ke hán mu. Eg ty venkágta vóg je eg tóg tu kinhra tyvi jój keni ti jenja ki ke gé myr venkágta kar vy kenhmég ni, ky eg ty kununh mu ka eng ve ven ke ni, ti ger, ti vóg, kar ti keméj ke ni gé myr venkagta kar vy ty u ni. Hara venkágta tag ag vy vej ke há ki nyti eg in rá goj fyr mi epyha mi ke gé, hara cruzero kemu tag hã ny kuvar há ty nyti non mág tá. Hara eg vy vy venkagta kejatug ke tu ni myr myr vy eg kofa ag my ta nén u ha tyvi ni. ky eg vy venkagta my valor nin ge nyti myr ty eg tu pe ni eg ty kanhgág ma.

Agradecimentos

Esse trabalho foi feito com muito prazer para o encerramento de uma importante etapa da minha vida pessoal como familiar, acadêmica e profissional. Nessa caminhada muitas pessoas foram importantes ao longo da jornada até aqui onde se encerra, acho justo

⁴ FELDMAN, 1996 apud FRUEHAUF, Sandra Pavan. *Plantas medicinais de mata atlântica, manejo sustentado e amostragem*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 1999. p. 5.

em demonstrar gratidão a elas. Acima de tudo quero agradecer a Deus por ter me dado saúde e força em chegar até aqui e também agradeço minha mãe e meu pai que sempre estavam me incentivando, rezando por mim, e também minhas irmãs e irmãos que sempre estavam ali dando força para mim e cuidando das minhas filhas carinhosamente, sempre me suportaram quando não podia ajudar nos deveres de casa, pois me dedicava mais às minhas pesquisas e também suportaram minha ausência junto a minhas filhas, mas isso se fez necessário para essa conquista de estar concluindo o ensino superior. Para encerrar quero agradecer a professora Natalia Hanazaki, minha orientadora, que sempre estava ali quando eu precisava, em seu nome a todos os professores e amigos e aos sábios que contribuíram com suas entrevistas para a realização do TCC. Agradeço às agentes de saúde Sandra Sales e Pedra Leopoldina e ao enfermeiro Valdoir Vasco da Silva que forneceram os dados sobre as famílias que ainda usam ervas. Agradeço também à coordenação e demais servidoras e bolsistas do curso de Licenciatura Indígena e também à FUNAI, que muito se esforçaram para a realização do mesmo. A TODOS O MEU MUITO OBRIGADA.

Área de Estudo

A área de estudo fica no setor Missão Indígena, na Terra Indígena (TI) Guarita, Rio Grande do Sul (Figura 1). No setor Missão moram aproximadamente cento e oitenta seis famílias. Esse setor pertence ao município de Redentora. Na TI Guarita são 11 setores indígenas que pertencem a esse município, e mais três setores que pertencem ao município de Tenente Portela.

Antes o setor Missão Indígena era chamado de karug mág (angico), pois tinha muitas árvores de angico na época quando os alemães moravam ali. Esses alemães eram católicos e luteranos e vieram morar nessa região para estabelecer missões religiosas. Quando as famílias Kaingang aumentaram, elas pediram aos alemães deixassem a área, então eles foram embora e karug mág começou a se chamar Missão Indígena. Isso aconteceu na década de 1950. Depois disso a aldeia começou a mudar com a ajuda da FUNAI. Foi feita a escolha de caciques para comandar a comunidade e depois disso foram feitas escolas, posto de saúde e também igrejas.

Procedimentos

Os dados foram colhidos através de entrevistas com pessoas que sabem sobre as ervas, especialmente os moradores mais idosos. Também foram feitas fotos para identificar as plantas e pesquisas nas bibliotecas sobre o tema referido. As entrevistas foram baseadas em um roteiro de perguntas abertas (Anexo 1), que incluem os seguintes assuntos:

- **Quais ervas medicinais ainda são usadas na família?**
- **Como é feito pra tirar essas ervas para serem usadas? E por quê?**
- **Onde são encontradas essas ervas que são usadas?**



Figura 1. Imagem de satélite do Setor Missão Indígena, Terra Indígena Guarita, Rio Grande do Sul.
Fonte: Google Earth

Resultados e Discussão

Foram feitas três entrevistas, durante o ano de 2014. Nas entrevistas as ervas mais usadas são o fuva e o kumi. Essas ervas são feitas como alimentos mas também são consideradas medicinais para famílias no seu dia a dia. Há outras ervas que são preparadas como chás, que são a guachumba (nén tuj), sete-capote (kyrér), pariparoba (krágmé), sónh

tánh, quiné (húnh), pri pén sá, e cruzeiro. Um maior detalhamento sobre algumas dessas ervas será feito no item 4.2.

Segundo os entrevistados, para serem coletadas, todas as ervas precisam ser bem conhecidas. Tem que conhecer bem a planta, como a folha, o caule, as flores e frutos, e também é preciso conversar com cada planta quando for coletá-las. Porque se não tiver diálogo com as ervas, elas poderão não fazer efeito para a pessoa que está doente.

Algumas plantas citadas são encontradas em lugares úmidos e outras perto dos rios, no meio da mata, como por exemplo, o sete-capote (kyrér) e o pri pén sá. Nem todas as famílias usam ervas (Figura 2). Cerca de 40% das famílias no setor Missão não usam ervas.

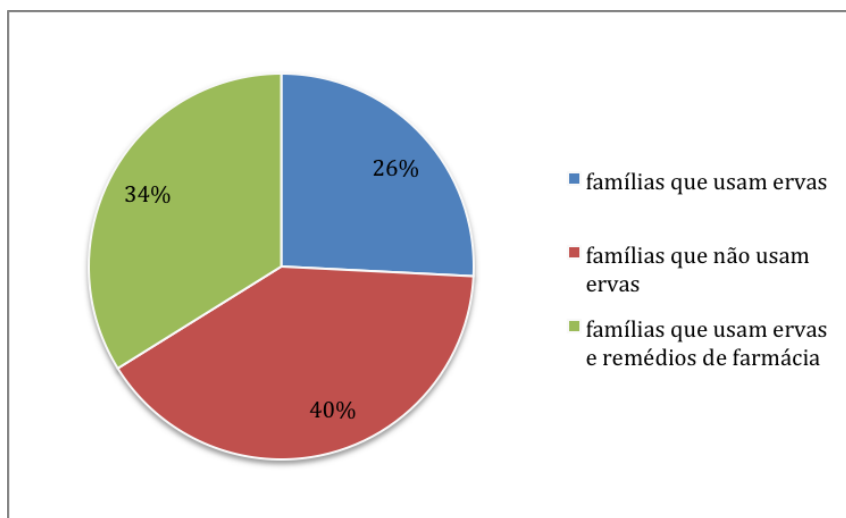


Figura 2 – Porcentagem de famílias que usam e que não usam ervas medicinais na aldeia Missão (total: 62 famílias – não foi possível obter essa informação para todas as famílias do setor).

A Importância das Ervas Medicinais

O primeiro entrevistado foi o senhor Pedrico Mineiro (Figura 3). O sr. Pedrico Mineiro tem 102 anos e foi o primeiro morador no setor da Missão Indígena, Ele que foi o primeiro evangélico e que construiu uma igreja evangélica Assembleia de Deus. Ele viveu somente com o pai Franquelim Mineiro e sua irmã Maria Rosa, que faleceu aos 112 anos, pois sua mãe faleceu quando era bebê e ele não teve oportunidade de conhecê-la.

O sr. Pedrico Mineiro comenta que na época dele não existiam escolas, mercados, farmácias e outros estabelecimento. Diz ele que caminhava 7 km para poder estudar. A escola era fora da área da TI e nos dias de inverno os alunos caminhavam a pé descalço, sem casacos pois tinham poucas roupas. Também não existiam alguns tipos de alimentos atuais e seu pai vivia só na roça trabalhando para plantar feijão, milho, mandioca e verduras, e também caçava para pode trazer carne para os filhos. Segundo ele, naqueles dias as coisas

eram tão precárias que havia estradas nas reservas indígenas. Os moradores faziam trilhas no meio do mato quando precisavam de algo fora da área ou quando fossem para a aula. Ele disse também que naquela época não existiam tantas coisas, que era muito bom porque as pessoas tinham uma saúde tranquila porque usavam muito as ervas medicinais quando adoeciam, pois confiavam muito no poder dos espíritos da ervas. Não existiam esses tipos de doenças como câncer, depressão, pedra na vesícula, pressão alta e baixa, porque tinham uma boa alimentação, com comidas típicas feitas em casa.



Figura 3. Senhor Pedrico Mineiro, morador mais antigo do Setor Missão Indígena, Terra Indígena Guarita, Rio Grande do Sul.

Segundo o sr. Pedrico, “Nós Kaingang, acreditamos que tudo o que é da natureza tem o seu espírito e por isso devemos respeitar cada ser da natureza”. Para ele, as plantas são utilizadas para a alimentação e para servir como remédio. Para a utilização de plantas medicinais é importante saber identificar as plantas no seu estado natural.

Hoje já há muitos modernismos, segundo o entrevistado. As famílias fazem compras nos mercados, os alimentos são feitos de tantas coisas que não conhecemos e através disso há muitos indígenas perdendo suas vidas com doenças causadas pelos alimentos que são feitos pelos não indígenas. Ele considera que está vivendo porque usou muitos remédios feitos de ervas pelo seu pai e sua minha irmã. Seu pai dizia que tem que comer muito fuva e kumi para não envelhecer logo e para viver muitos anos, e também comer comidas típicas Kaingang e plantas que servem como alimentos e remédios. O pai dele dizia também que não devemos colher as ervas quando não é preciso, como por exemplo, coletar e não usá-la, pois seus espíritos podem nos seguir; por isso, antes de tirar a erva, devemos conversar com

a planta para que ela possa fazer bem para a pessoa que está doente, e também é preciso ter fé nas ervas medicinais.

Disse o sr. Pedrico: “Eu sempre fiz remédios para as pessoas, na época que não existia farmácias e postos de saúde, quantas pessoas foram curadas de doenças, nesses dias o que existia muito era a tosse comprida, o remédio que curava a tosse comprida é a água de taquara, por isso que plantei taquara perto da minha casa, mas nesses dias atuais ninguém quase pede remédios porque pois preferem mais os remédios de posto de saúde deixem de lado os remédio que eu faço pra mulheres que estão grávidas para que ela tenha logo seu bebê e também pós parto. As ervas usadas para isso são: a guachumba e as folhas da pitanga, para a mulher tomar e ganhe nos penúltimos dias. As ervas usadas depois do parto são o kyrer, mas agora no nosso dia atual ninguém mais me procura pra fazer esses tipos de remédios; apenas minha família usa quando é preciso, por isso quero que meus filhos não esqueçam das ervas medicinais, que é da nossa cultura; não digo pra usar direto mas pelo menos lembrar que as ervas são muito importantes. Eu agora nessa idade não consigo ir atrás dos remédios, acho eu que até não vou identificar as ervas pois minhas vistas já estão muito fracas. Para coletar as ervas temos que ter muito cuidado, devemos usar muito os sentidos como a visão, olfato, tato e gosto para tirar as ervas e saber qual erva que deve ser usada. Pois cada erva tem seus espíritos que devemos respeitar.”

De acordo com o entrevistado, hoje em dia os mais novos não respeitam mais as ervas e quando é preciso, vão à mata tirar uma erva como se não houvesse espíritos. Para ele, assim a erva não produz os efeitos desejados, pois as pessoas esquecem de conversar com as ervas antes de coleta-las para fazer os remédios. Além disso, hoje existem muitos recursos para os indígenas, que então esquecem que existem ervas medicinais, que é próprio da cultura Kaingang.

A segunda entrevistada foi a sra. Estela Ribeiro (Figura 4). Estela tem 54 anos e é moradora da aldeia Missão e conhecedora das plantas medicinais. Diz a entrevistada sra. Estela que quando a planta kumi (mandioca brava) é temperada para ser preparada como alimento, deve ser feito rezas para depois comê-la. Ela diz que não se lembra como é essa reza. Ela também falou sobre a erva krágme (pariparoba), e disse que sempre usou essa erva quando teve seus oito filhos. Quando nasciam, ela usava essa erva tirando uma folhinha todo dia para colocar no umbigo de seus filhos, pois essa erva ajudava a cicatrizar logo o umbigo da criança. Ela também disse que as mulheres lhe pedem remédios contra infecções

no útero, pois isso é comum na comunidade. Para isso ela usa a erva- cruzeiro, que ela considera uma árvore muito poderosa. Segundo a sra. Estela, o que mais as mulheres mais adultas usam são as ervas para controlar a menstruação e a cólica, como as ervas fumeiro (pétor) e também o pri pensá.



Figura 4. Senhora Estela Ribeiro, moradora do Setor Missão Indígena, Terra Indígena Guarita, Rio Grande do Sul.

O terceiro entrevistado foi o senhor Generoso Mineiro, nascido em 27 de dezembro de 1934, morador do setor de Missão. Ele falou sobre a importância das ervas e também como faz falta isso hoje em dia. Ele disse também que cresceu usando ervas, pois seu pai lhe ensinava a fazer remédios e como coletar as ervas. Segundo o entrevistado hoje existem poucas famílias que usam as ervas, mesmo seus filhos agora não querem usar as ervas porque já confiam mais nos remédios feitos pelos não índios. Ele relatou que como pai fica “muito triste vendo meus filhos ignorando as ervas e eu não posso obrigá-los também, mas não deixo de ensinar a eles sobre as ervas como, se faz e como tirar, vai que um dia precisam dessas ervas e que possam voltar a dar valor às ervas”.

Sobre as Ervas Medicinais

Essas são as ervas citadas nas entrevistas e também usadas no dia a dia das famílias:



FUMEIRO (PÉTÓ R, não identificada): Foi citada nas entrevistas para controlar a menstruação e corrimento, e a cólica quando a mulher sente dor no abdômen quando está menstruada, sempre usada as raízes para fazer o chá. É uma planta que podemos encontrar nas pequenas matas na comunidade.



PRI PÉN SÁ (possivelmente trata-se de uma planta do gênero *Adiantum*): Foi citada nas entrevistas como utilizada somente para pós-parto, pois ajuda a limpar o útero e é contra infecção. Dessa erva é usado o caule e as folhas, para fazer rápido efeito nas mulheres. Podemos encontrar essa erva no meio da mata onde há espaços úmidos, principalmente perto dos pequenos rios.



QUINÉ (HÚNH), possivelmente trata-se de *Petiveria alliacea* L.): Foi citado nas entrevistas que essa erva serve para acalmar dor de dentes e também ajuda a proteger contra olho grande e inveja. Para colocar no dente, o caule é raspado, é tirada a pele do caule e colocado no dente que está doendo; e para se proteger é plantada na frente da casa. Podemos encontrar essa planta no meio da mata.



SÓNH TÁNH (não identificada): Foi citado nas entrevistas que essa erva é usada para infecção na bexiga; também a mulher ou o homem usam para se banhar quando perde o(a) companheiro(a). São usadas as folhas e também as flores, que servem para não perder a visão quando ficar mais velho. Podemos encontrar perto dos rios.



SETE CAPOTE (KYRÉR, *Campomanesia guazumifolia* (Cambess.) O.Berg.): Foi citado nas entrevistas que essa erva serve para controlar o sangue no pós-parto e também ajuda a não engravidar logo. É usada também para problemas menstruais. Podemos encontrar no meio de matas pequenas.



CARQUEJA (*Baccharis trimera* (Less.) DC.): Foi citado nas entrevistas que essa erva serve para diarreia quando algum alimento faz mal para as pessoas, principalmente para crianças e também serve para tratar dor de cabeça também serve para emagrecer. Podemos encontrar essa erva em vários lugares, principalmente nos quintais das casas.



CRUZEIRO (não identificada): Foi citado que essa erva é muito usada quando se tem infecções na bexiga; também serve para tratar de corrimento nas mulheres, e serve para controlar a menstruação. Podemos encontrar essa erva nas matas grandes, pois existe muito pouco delas nas pequenas matas.



BABOSA (*Aloe vera* (L.) Burm.f.): A babosa foi citada nas entrevistas para infecção de pele quando há um machucado; também serve para passar no cabelo para crescer e para manter a cor por mais tempo. Podemos encontrar nos quintais e nas hortas é uma erva não indígena.



FUVA (*Solanum americanum*): Foi a erva mais lembrada nas entrevistas, pois ela serve como alimento para as pessoas, é muito usada pelas famílias no dia a dia nas refeições, e serve para prevenir de qualquer doença e também para não envelhecer logo. Podemos encontrá-la nas lavouras onde a mata foi queimada e também nas tigueras (locais onde o milho já foi colhido).



GUAXUMBA (não identificada): Essa erva foi citada nas entrevistas como muito usada para fazer um chá para as gestantes quando estão no penúltimo mês, pois ajuda a mãe a dar à luz ao bebê, logo não vai sofrer muito. Podemos encontrá-la nos quintais e nas beiras das estradas.



MARCEL (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.): Foi citada, pois é usada quando as crianças estão com diarreias e também serve para tratar de ânsia de vômito, vermes e também é usada no chimarrão. Podemos encontrar na beira das estradas. |

Considerações Finais

Apesar do uso de ervas medicinais não acontecer em todas as famílias, ainda existem ervas importantes no Setor Missão, como por exemplo o fuva, que aparece depois da colheita do milho e da soja, e serve como alimento e remédio. O sete-capote também é uma erva importante, usada como remédio para as mulheres.

É importante voltar a dar valor ao conhecimento Kaingang sobre as ervas medicinais, pois isso sempre fez parte da cultura. Por fim, como afirma o morador mais

antigo do Setor Missão Indígena, "a convivência com a natureza faz parte da vida do povo Kaingang, pois a relação entre indígenas e a natureza é muito forte, o amor e o respeito fazem com que se torne uma fonte de alimento saudável, oferecendo remédios para muitas doenças tanto físicas como da alma desse povo" (entrevista com o sr. Pedrico Mineiro).

Referências

FIELDMAN, 1996 apud FRUEHAUF, Sandra Pavan. *Plantas medicinais de mata atlântica, manejo sustentado e amostragem*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 1999.

LORENZI Harri, MATOS F.J. Abreu. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2002.

FONTES ORAIS:

MINEIRO, Pedrico. 102 anos, primeiro morador da aldeia Missão. Entrevista concedida a Tamara Mineiro em 20-08-2014.

RIBEIRO, Estela. 54 anos, moradora da aldeia Missão. Entrevista concedida a Tamara Mineiro em 18-10-2014.

MINEIRO, Generoso. 81 anos, morador da aldeia Missão. Entrevista concedida a Tamara Mineiro em 30-12-2014.